

# PARCIALIDADE E PESQUISA: A EXPERIÊNCIA E O CORPO COMO HORIZONTE DE TRABALHO

XXIII Encontro da ABRAPSO Minas - Psicologia Social Crítica e interseccionalidade: violências, resistências e perspectivas, 23ª edição, de 20/04/2023 a 22/04/2023  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-029-8

**VIEIRA; Camilla Gabrielle Gomes <sup>1</sup>, TRINDADE; Eledá Isadora Correa <sup>2</sup>**

## RESUMO

Um calor quase insuportável, sensação térmica de inferno como brincamos. Corpos suados e semi nus. Uma estranha sensação de segurança e bem estar, ao mesmo tempo em que o corpo sente que tem algo que não autoriza relaxar. Talvez o calor excessivo diga muito sobre o Rio, os corpos do Rio, as cores do Rio. É curioso perceber que há estranheza na liberdade. Liberdade de transitar com meu corpo de pele à mostra, pouca roupa, biquíni e short jeans, nada disso autorizou que meu corpo fosse violado. Nenhum grito, nenhum assobio. Meu corpo era só mais um, assim como tantos outros ali. O desejo e objetivo dessa experiência era fazer pesquisa através da experimentação própria. Os trânsitos e encontros deram tom e contorno para o que se buscava experimentar. Se sinto o calor do sol em meu corpo, o frio do mar, se não temo os olhares dos outros, mas me angustio com as outras violências que habitam o Rio, isso é dado. O alimento do campo é o ato. A ação, o trânsito, as andanças compõem e fundamentam o pesquisar. Vida e pesquisa de fato não se separam. Munidas pelas lentes teóricas contra coloniais e interseccionais, que se tecem na experiência o próprio corpo, os próprios afetos, os próprios olhos e sorvendo de saberes muitas, se pinça a proposição de Juliana Cecchetti de uma perspectiva metodológica que promova a experimentação do protagonismo na pesquisa. De modo que pesquisadora e campo são entendidos como unidade e não como esferas separadas: campo é o próprio corpo. Advertidas por Conceição Evaristo sobre não entender este olhar metodológico, que valoriza o protagonismo próprio, como narcísico ou egóico, mas pauta atravessamento coletivo na experiência do próprio eu, que tece essa vivência. Escrever é o que ela nos ensina. A complexidade da escrevivência é imensa, manifesta-se como um horizonte ético e político que abre espaço para a pluralização de enredos, se distancia propositalmente das perspectivas hegemônicas tradicionais, em possibilidade do resgate e retomada de saberes que foram outrora usurpados pela lógica colonial. Estivemos em contato com uma pluralidade de espaços: o Carnaval nas quadras elitizadas e do subúrbio; roteiros feitos para turistas brasileiros e estrangeiros... Vivenciamos a marca da língua que enfatizava nosso lugar de forasteiras e evidentemente mineiras; nosso corpo negro com diversos atravessamentos em cada uma; as dinâmicas de afeto, receptividade e de sua ausência. Neste encontro as reflexões sobre os métodos contra coloniais efervescem trazendo questões sobre como é ser e estar no corpo da pesquisadora em meio a pesquisas que se tecem em novas metodologias implicadas com a parcialidade e desobjetalização, em contraposição à tradição positivista eurocêntrica de pesquisa. A ideia é sulear os métodos de pesquisa, deslocando a pesquisadora do visto para o vivido de quem samba, não só extrai, mas troca com seu corpo e conta sua experiência como mobilizadora dentro da academia como local de elaboração de sintomas e engajamentos pessoais. A pesquisa começa antes do início: tem histórias, cheiros, encontros e é viva.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, allimac.gomes@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, eleda.trindade@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisadoras negras, Experiência, Corpo, Território, Interseccionalidade